

Mensagem breve

Realmente você tem razão quando afirma que o mundo parece modificado e que precisamos imenso desassombro para viver dentro dele.

Os últimos cinquenta anos operaram gigantesca reviravolta nos costumes da Terra. A casa patriarcal que havíamos herdado do século XIX transformou-se no apartamento a dependurar-se nos arranha-céus; a locomotiva enfumaçada é quase uma jóia rara de museu à frente do avião que elimina distâncias; a gazeta provinciana foi substituída pelos jornais da grande imprensa; e os saraus caseiros desapareceram, ante a invasão do rádio, cuja programação domina o mundo.

O automóvel, o transatlântico, o cinema e a televisão constituem outros tantos fatores de informe rápido, alterando a mente do povo em todos os climas.

E a garantia dos cidadãos? Em quase todos os países, há leis de segurança para empregados e patrões, homens e mulheres, jovens e crianças.

Há direitos de greve, licença, litígio e descanso remunerado.

Existem capitães da indústria e comércio, acumulando riquezas mágicas de um dia para outro, desde que não soneguem o imposto relativo aos monopólios que dirigem contra a harmonia econômica.

Temos operários desfrutando inexplicável impunida-

de, na destruição das casas em que trabalham, com a indisciplina protegida em fundamentos legais.

Há jovens amparados na difusão da leviandade e da mentira, sem qualquer constrangimento por parte das forças que administram a vida pública.

Não estamos fazendo pessimismo.

Sabemos que o mundo permanece sob o governo mís-
tico das rédeas divinas e não ignoramos que qualquer perturbação é fenômeno passageiro, em função de rea-
juste da própria região onde surge o desequilíbrio.

Com as nossas observações, tão somente nos propo-
mos reconhecer que a criatura humana de nossa época
está mais livre e, por isso, mais destacada em si mesma.

Nos grandes períodos de transição, qual o que esta-
mos atravessando, somos como que chamados pela Sabe-
doria Divina a provar nossa madureza interior, nossa ca-
pacidade de autodireção.

Daí resulta a desordem aparente, em que somos com-
pulsos à revelação da própria individualidade.

Na organização coletiva, no grupo social, na equipe
de trabalho ou no reduto doméstico, vê-se o homem de
hoje obrigado a mostrar-se tal qual é, classificando-se, de
imediato, pela própria conduta.

As dissensões, os conflitos, as lutas e os embates de
todas as procedências oferecem a impressão de caos,
provocando a gritaria dos profetas da decadência, e, por
isso mesmo, as almas que não se armaram de fé e que
não se sustentaram fiéis às raízes simples da vida so-
frem pavorosos desastres psíquicos, que as situam nos
escuros domínios da alienação mental.

Cresce a loucura em todas as direções.

O hospício é a última fronteira dos enfermos do es-
pírito, de vez que se agitam eles em todos os setores de
novo tempo, à maneira de consciências que, impelidas
ao autoexame, tentam fugir de si mesmas, humilhadas
e estarrecidas.

Em razão disso, creia que o melhor caminho para não cair nas mãos dos psiquiatras é o ajustamento real de nossa personalidade aos princípios cristãos que abraçamos, porque o problema é da alma e não da carne.

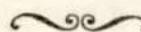
Não precisaremos discutir.

A hora atual da Terra é inegavelmente dolorosa, mas a tempestade de hoje passará, como as de ontem.

Refugiemos-nos em Cristo.

O Senhor é a nossa fortaleza.

Se tivermos bastante coragem de viver o Cristianismo em sua feição pura, na condição de solitários carregadores de nossa cruz, poderemos encarar valorosamente a crise e dizer-lhe num sorriso confiante: — «vamos ver quem pode mais».



Explicando

Não, meu amigo. Quando me desvencilhei do corpo físico, há quase vinte anos, o título de «espírita» não me classificava as convicções.

Como acontece a muita gente boa, acreditava mais no que via com os meus olhos e tateava com as minhas mãos. Lia o Evangelho de Jesus e compulsava as impressões de vários experimentadores da sobrevivência; entretanto, sem objetivos sérios de estudo e sim na extravagância das gralhas da inteligência que vão à lavoutra do espírito, gritando inutilmente e bicando aqui e ali para perturbar o crescimento das plantas e prejudicar-lhes a produção.

Era um homem demasiadamente ocupado com a Terra para devotar-me às revelações do Céu.

Meus pensamentos jaziam tão vigorosamente encarnados nas preocupações mundanas, que nem a força hercúlea da enfermidade conseguia deslocar-me para as visões íntimas da vida superior.

Ilhado na fortaleza de minha pretensa superioridade intelectual, ria ou chorava nas letras, acreditando, porém, que a fé seria apanágio das criaturas ignorantes e simples, indigna dos cérebros mergulhados em maiores cogitações.

Situava-me entre a dúvida e a ironia, quando a Morte, na condição de meirinho da Justiça Divina, me intimou a comparecer no tribunal da realidade, mais cedo